

Quando o Sol é o principal desafio: A lida de agricultores com albinismo



Luiz, Dona Fátima e Joelma vivem no distrito de Bixopá, em Limoeiro do Norte

Dos seis filhos de dona Maria de Fátima Mendes Lima, somente um não veio ao mundo com os cabelos e pele muito clarinhos. Os médicos não sabiam explicar a situação. As enfermeiras achavam bonito. Já dona Fátima teve que redobrar os cuidados para que as crianças sofressem um pouco menos com o Sol escaldante no interior de Limoeiro do Norte, na região do Vale do Jaguaribe, no Ceará.

Os irmãos Joelma, 40 anos, Luiz, 47, Zé de Fátima, 46, Maria de Fátima (falecido aos sete meses) e João Gilliard, 43, nasceram com albinismo, uma condição genética considerada rara. Os acometidos pela mutação têm pouca capacidade de produção ou deficiência em melanina, um pigmento natural do corpo, responsável pela coloração da pele, e que oferece proteção natural contra os raios solares. Os quatro foram criados pelos pais agricultores em Croatá de Cima, localidade do município jaguaribense.

“Mas também o pessoal diz que isso é coisa que vem hereditária, dos troncos véi. Tem dois primo meu que um tem um e o outro tem outro, e aí morreu um menino. E eu acho que é mesmo”, diz dona Fátima.



O quintal da família tem várias frutíferas e ervas medicinais.

Além da sensibilidade na pele, os três meninos e a menina cresceram com dificuldades de visão, principalmente em ambientes abertos e muito iluminados. O problema também decorre do albinismo e dificulta muito a lida no campo.

Alguns insinuem que o parentesco entre ela e o marido teria contribuído para o acontecimento raro. O falecido esposo de Dona Fátima era primo legítimo dela. Os dois se conheceram na casa de uma avó e permaneceram juntos por mais de 40 anos.

“Eu acho que Deus mesmo que quis assim. Que aquilo que Ele quer, ninguém pode tirar, né?”, afirma a viúva.

Já adultos, os irmãos continuam reunidos e se revezando no cuidado do quintal. A casa, construída pelo falecido pai, abriga a Dona Fátima e os filhos Luiz, Zé de Fátima e João. Joelma, casada e com uma filha adolescente, mora na residência ao lado. Somente Célio Roberto, 41, o filho “com vista boa” é que saiu um pouco mais do núcleo familiar e mora numa localidade próxima. Mesmo assim, é no terreno deixado pelo pai que ele vem trabalhar com os irmãos todos os dias.

O alvorecer e o entardecer são os horários possíveis de trabalho. Depois de colocar a filha no ônibus escolar é que Joelma consegue acompanhar os irmãos na lida com o quintal.

“Agora eu tô me levantando 4h30 para ajeitar as coisas da menina ir para a escola. Fazer merenda, encher garrafinha d’água, aí é o tempo que ela se arruma pra ir deixar ali onde o ônibus passa. Esse horário que a gente volta é que a gente aproveita pra fazer as coisas no quintal até no máximo 7 horas. Passou disso, ninguém aguenta mais não. Ou então assim depois de cinco horas [da tarde]”, conta Joelma.



Luiz foi quem começou a plantar no quintal de casa. Joelma contribui com o trabalho depois que a filha vai para a escola, ainda com o dia amanhecendo.



Luiz, principal responsável pela lida com o quintal, já passou por duas cirurgias na pele.

Por conta do albinismo, os irmãos recebem benefícios do governo. *“É porque nós temos o direito de aposento por conta da nossa deficiência, tanto na pele como visual. Nós não enxerga 100%, né. Aí se não fosse isso, só Deus”,* explica.

Joelma conta que foi Luiz, o irmão mais velho, quem deu início à lida no quintal produtivo de casa. Depois disso, os irmãos passaram a cuidar do espaço também. A família aprendeu a cultivar as plantas com o pai, falecido há sete anos, e que era o principal provedor. Com o falecimento dele, além da saudade, os filhos e a viúva precisaram encontrar meios de continuar vivendo da agricultura.

“Foi Luiz que começou todo o quintal, né? Começou a plantar cana para fazer caldo de cana. Aí nós começamos a ajudar ele a plantar cajueiro não-precoce. Nós foi quem plantemo tudinho. Aí uns morreram. É, mas se tivesse conseguido segurar tinha muito caju porque não falta um cajuzinho aqui, acredita?”, diz.

A família tem duas cisternas de primeira água à disposição. Tecnologias que elas não lembram quando chegaram, mas que são fundamentais para os períodos de estiagem. O objetivo atual é conseguir água para o plantio das frutas e hortaliças do quintal que, lista Joelma, já tem “macaxeira, tem caju, tem ata que conhece por pinha também, tem limão, dando limão”.

Mesmo com os cuidados, os irmãos não escaparam de problemas de pele. Luiz, por exemplo, já fez duas cirurgias para retirada de tumores cancerígenos.

“Já tá com duas cirurgias que ele (Luiz) faz de câncer de pele. Meu outro irmão fez mais duas. É. Porque a gente só vai mais na hora fria, sabe. Não pode não. O Sol quente acaba com a gente”, diz Joelma.



Além da sensibilidade aos raios solares, os irmãos enxergam com dificuldade em locais muito iluminados.



Horta do quintal de Dona Fátima

Antes da morte do pai, a família mantinha uma casa de farinha bem ao lado das residências. Atualmente, o equipamento está desativado. Segundo Luiz, pela dificuldade de encontrar a quantidade de pessoas necessárias na produção. Assim, a principal fonte de renda vem mesmo do benefício do governo. As frutas e alimentos colhidos servem para consumo da família.

“Somos filhos de pai agricultor. Meu pai era muito trabalhador. Todo inverno, enquanto ele foi vivo, sabe?”

A saudade quase fez dona Fátima ir embora dali e abandonar a casa construída pelo marido quando os dois ainda eram recém-casados. Mas, com o passar do tempo, ela percebeu que não adiantaria nada deixar o lugar de origem da família e o jeito de viver se a ausência do esposo seria sentida em todo lugar que ela estivesse.

“Quando Luiz morreu, me deu assim uma vontade de sair daqui, num sabe? De ir mimbora. Marraí, no mermo instante, eu digo: pra onde, né? Eu deixar minha casinha e me largar para o Limoeiro, pagar aluguel, né. O que é que adiantava que levava tudo na cabeça, as lembrança. Assim, Deus vai dar jeito de eu ficar por aqui. Bom não é não. De jeito nenhum. Mas, fazer o que? Aí eu fiquei por aqui”, conclui a matriarca.



A família de Dona Fátima continua morando na casa construída há mais de 40 anos pelo falecido marido dela